

«Aqui nasce Portugal!»



A formação dos reinos cristãos no processo da Reconquista: do Condado Portucalense ao Reino de Portugal. A ação do D. Afonso Henriques no processo de Reconquista e de Independência de Portugal.



Nome: _____	Nº _____	Turma: _____
-------------	----------	--------------

Professor Estagiário: **Vítor Fontes**

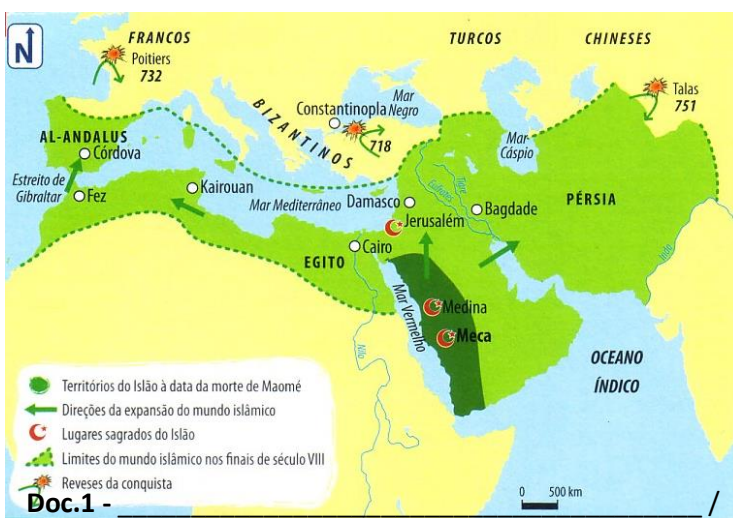
11 de Abril de 2013

Escola Secundária de Paredes

Aqui nasce Portugal!

[1] Tanto Afonso como a nação nascem em tempos difíceis. No noroeste da Península Ibérica, a Idade Média marca uma vida curta, crua e cruel. Pelos fins do século XI, a linha que divide cristãos e muçulmanos ao longo da península é mais precária do que nunca. Os mouros do Norte de África estão instalados no Sul da Europa há trezentos anos e não pretendem abrandar o avanço.

TAREFA 1 – Analisa os documentos 1 e 2.



1.1. Que região da Península Ibérica nunca foi ocupada pelos Muçulmanos (doc. 2)?

1.2. O que terá contribuído para que essa região não fosse conquistada (doc.2)?

1.3. Com base nos documentos, clarifica o significado de “Al – Andalus” (doc.1 e 2).

1.4. Atribui um título aos documentos 1 e 2.

[5] Para os deter, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, é obrigado a socorrer-se de fidalgos franceses. Os que se distinguem na luta pelo território cristão são recompensados com as terras que ajudaram a preservar, casando com as filhas do rei ou de nobres da coroa leonesa e castelhana. Um desses fidalgos, Henrique, bisneto de Roberto II, rei de França e filho do duque de Borgonha, vem para a península à procura de glória e de fortuna. Os seus bons serviços contra os infiéis dão-lhe direito a uma esposa – Teresa, filha bastarda de Afonso VI – e um território – o Condado Portucalense, zona fértil e razoavelmente povoada, que se estende do extremo norte do Minho à fronteira sul do Mondego.

Tarefa 2 – Analisa os documentos 3 e 4.

Doc. 3 – Por Aragão, por Navarra e por Castela, Cid envia os seus mensageiros: quem quiser enriquecer que venha com ele cercar Valência para a dar aos Cristãos. De todas as partes, o desejo de riqueza faz com que, sem perda de tempo, se lhe juntem gentes de toda a Cristandade. Lança-se sobre Valência, cerca-a, impedindo que alguém saia ou entre na cidade. Durante nove meses completos aí permanece, mas ao décimo tiveram de entregar-lha. Grande é a alegria dos seus companheiros quando Cid faz a sua entrada na cidade. Os que tinham ido a pé tornam-se cavaleiros; o ouro e a prata, quem poderá contá-los?

Cantar del Mio Cid, século XII (adaptado)

Doc. 4 – Deu, Afonso VI de Leão, a D. Henrique, com sua filha em casamento, Coimbra com toda a terra até Lobeira (...), com toda outra terra de Viseu a Lamego que seu pai D. Fernando e ele ganhara na comarca da Beira. E fez-lhe a doação de todo o condado, cuja nomeação era Condado Portucalense, com a condição que o conde o servisse sempre, fosse a suas cortes e a seus chamados. E lhe assinalou certa terra de Mouros que conquistasse e acrescentasse ao seu condado.

Fernão Lopes, *Crónica dos cinco reis*, século XV (adaptado).

2.1. Qual a motivação dos cavaleiros cristãos no processo de Reconquista (doc. 3 e 4)?

2.2. A partir do documento 4 indica:

2.2.1. Quem é o suserano? _____ Justifica. _____

2.2.2. Quem é o vassalo? _____ Justifica. _____

2.3. Que condição impôs o rei D. Afonso VI ao conde D. Henrique (doc.4)?

Tarefa 3 – Analisa os documentos 5 e 6.



Doc.5.



Doc.6.

3.1. Identifica os reinos cristãos peninsulares nos inícios do século XI (doc. 5 e 6).

3.2. Delimita geograficamente o território ocupado pelo Condado Portucalense doado a D. Henrique.

[12] O borgonhês Henrique e a leonesa Teresa têm um filho – Afonso. Consta que a criança nasce aleijada, com as pernas viradas para dentro, incapaz de andar sem o auxílio de talas. D. Teresa já vive amargurada com os privilégios da meia-irmã, D. Urraca, herdeira legítima de Afonso VI que casara com outro nobre francês, D. Raimundo, a quem é concedido o Condado da Galiza. O primogénito de Urraca, Afonso Raimundes, está na linha direta da sucessão ao trono de Leão e Castela. E o Conde D. Henrique morre quando Afonso tem apenas 3 anos.

TAREFA 4 – Analisa os documentos 7 e 8.



Doc.7.



Doc.8.

4.1. Qual era o grau de parentesco entre D. Afonso Henriques e os reis de Leão e Castela:

4.1.1. D. Afonso VI _____

4.1.2. D. Afonso VII _____

[17] Egas Moniz, o aio e mestre do infante, a quem a educação de Afonso é entregue após a morte de Henrique, reza, dia e noite, para que o defeito desapareça. Até que, num serão de lua cheia, acorda pela voz de Virgem Maria: «Descobre-a», diz a voz. «Descobre-a.» Egas tira o pequeno Afonso de 4 anos da cama, monta-o junto a si no cavalo, chama cinco peões e, acometido pela loucura, arranca da propriedade para só se deter num vale inóspito, de solo estéril. Rosto alucinado, salta do cavalo, perscruta o terreno e ordena aos vassallos que cavem a terra ali, à sua frente. Os vassallos, atónitos, obedecem. Cavam horas, sem pausas, até deixarem a descoberto a entrada de uma capela, sepultada debaixo da areia e do cascalho. Egas pega em Afonso ao colo – a criança dorme - entra na capela. Lá dentro, há apenas um altar, modesto. Deposita a criança no altar e sai. Duas horas passam. Os primeiros raios de luz espreguiçam-se no horizonte quando, à frente de Egas e dos vassallos, surge Afonso, saindo pelos próprios pés da capela enfiada no chão. Vem curado. É o milagre de Cárquere.

[27] D. Teresa teme a ameaça de D. Urraca, a legítima, sobre o Condado Portucalense, enquanto mantém a aspiração a possessões galegas e leonesas. Para tal, D. Teresa desenvolve uma complexa estratégia: numa viagem audaz, Teresa convence o marido de Urraca de que esta o anda a tentar envenenar (por isso, Urraca será posta a ferros uma temporada – passam a odiar-se); depois, para garantir o apoio da nobreza galega, aproxima-se do poderoso conde da região, Pedro Froilaz, e dos seus filhos Fernão Peres de Trava (com quem terá um caso) e Bermudo Peres de Trava (com quem viverá em concubinato); por fim, alia-se a Diogo Gelmirez, arcebispo de

Santiago de Compostela e pretendente à cadeira papal, ansioso por cravar as unhas no segundo mais importante arcebispado do Noroeste Peninsular: Braga.

[35] Já D. Henrique, em vida, preocupou-se sobretudo com a estabilidade do condado. Era esse o seu lar, e foi esse que ele jurou defender com todas as forças. O sonho, para Henrique era a autonomia. Também nisso, Afonso será filho de seu pai.

[38] Como era então costume, o infante é educado por nobres da corte. A tarefa cabe a Egas Moniz e ao irmão Ermígio, senhores de Ribadouro. Egas, aio-mor, tem a casa senhorial perto de Arouca e trata do espírito do rapaz, incutindo-lhe os ideais da cavalaria. Ermígio, que combatera com o pai Henrique, disciplina-lhe o corpo, treinando-o nos montes dos arredores de Lamego.

[42] Quando Afonso regressa à corte de Guimarães em 1126, com os tais 16 anos, a corte é um ninho de vespas, e Teresa é a abelha-mãe – ou a viúva negra? A última vez que vira Teresa, Afonso tinha 12 anos. Ela, a meio dos 40, está, rezam as crónicas, mais bela do que nunca. Dorme com o galego Bermudo Peres de Trava no leito de Henrique, e nos paços insinua-se que também anda de amores com o irmão mais novo, Fernão Peres. A corte é um lugar perigoso, de traições, conspirações e lutas pelo poder. Os nobres portugalenses estão a ser substituídos, um a um, por dignatários galegos. Os irmãos Moniz e outros senhores do condado como Soeiro Mendes da Maia, Soeiro Mendes de Sousa, o *Grosso*, olham para Teresa, a sua regente, de braço dado com Bermudo Peres, as costas protegidas por Fernão Peres, os tentáculos do inimigo em redor do castelo – é o polvo à galega - e acham aquilo demais. Declaram guerra.

TAREFA 5 – Responde à questão.

5.1. Como explicas o descontentamento dos nobres portugalenses com a atuação de D. Teresa?

[51] Afonso hesita. Afinal, trata-se de sua mãe, e ela ama o filho. Mas ama mais as ambições da juventude. E Afonso não pode trair os Moniz, os homens que lhe ensinaram tudo, até a honra. Pouco depois, o infante arma-se a si mesmo cavaleiro na Catedral de Zamora. Está pronto a liderar um exército, tomando o destino nas mãos. Egas Moniz reforçou-lhe o dever terreno e a responsabilidade divina. E há o desejo do pai: autonomia para o condado. Afonso sabe que cumprir o desejo do pai é a única forma de reencontrá-lo.

[56] Afonso Henriques viu Cristo na cruz, nas vésperas da Batalha de Ourique. O espírito de São Gabriel, conta-se, guiou-o à vitória decisiva sobre os mouros.

TAREFA 6 – Analisa os documentos 9, 10, 11, 12 e 13.



Doc. 9.



Doc.10.

Doc.11.

“Eu, Afonso, pela graça de Deus rei dos portugueses, faço carta de doação aos cavaleiros templários de toda a terça parte que possam adquirir e povoar além do Tejo.”

Carta de doação à Ordem dos Templários (1161)

6.1. Os documentos 9 e 10 ilustram cenas da Batalha de Ourique. ***Neste episódio da História de Portugal existe uma forte componente religiosa.*** Demonstra que a afirmação anterior é verdadeira, com elementos retirados das imagens.

6.2. Quem eram os cavaleiros Templários (doc.11)?

6.3. Qual o seu interesse em participar na Reconquista (doc.11)?

6.4. Qual era o objetivo de D. Afonso Henriques em doar terras às ordens militares (doc.11)?

Doc. 12.

Subitamente um raio iluminou a noite e de dentro dele saiu uma cruz esplendorosa. Ao centro estava Jesus Cristo rodeado de anjos. Afonso Henriques, ajoelhado, deixou-se ficar boquiaberto, sem saber o que dizer, sem se atrever a quebrar o instante, até que dentro de si, ouviu Jesus dizer-lhe:

- Afonso, confia na vitória de amanhã. Confia na vitória de todas as batalhas que emprenderes contra os inimigos da Cruz. Faz como a tua gente que está alegre e esforçada. Amanhã serás rei...

Apagou-se o céu e a visão celestial desapareceu, como viera. No dia seguinte a batalha foi terrível. Os mouros eram aos milhares e avançavam ferozmente contra os guerreiros de Afonso Henriques. Ao primeiro embate muitos homens caíram no chão trespassados pelas lanças. Puxou-se então por espadas e alfanges e a planície foi invadida por um tinir de ferros misturados com a gritaria de toda aquela multidão e os relinchos doloridos dos cavalos feridos. Durante muito tempo, foi um verdadeiro inferno. Os guerreiros cristãos, porém, levaram a melhor. Os mouros sobreviventes, fugiram pela planície fora, deixando os cadáveres naquele imenso chão. Do lado cristão também eram muitos os mortos e feridos, mas os sobreviventes proclamavam a vitória, gritando:

- Real! Real! Por Afonso, Rei de Portugal!

Diz a tradição que nesse momento e em memória do acontecimento, o rei pôs no seu pendão cinco escudos, representando os cinco reis mouros que derrotara. Pô-los em cruz, pela cruz de Nosso Senhor e dentro de cada um mandou bordar trinta dinheiros que por tanto vendera Judas a Cristo.

Fonte: <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/lendas/Lendas%20de%20Ourique.htm>

Consultada a 4 de Abril de 2013.



6.5. Que relação podes estabeleceres entre o documento 12 e o documento 13?

Doc.13.

[58] Num tempo de visões místicas, de febres santificadas, de anjos empunhando espadas, o fantasma – o espírito? – de Henrique pode ter aparecido ao filho pela madrugada de 24 de Junho de 1128, na véspera da Batalha de S. Mamede, junto a Guimarães, a batalha entre Afonso e as forças da mãe e do galego Fernão Peres de Trava, a batalha que decide Portugal.

(62) Afonso, impelido por forças que desconhecia, levanta-se da cama, sai da tenda no acampamento das forças revoltosas e aproxima-se de uma árvore de copa frondosa, a Árvore da Vida das liturgias pré-medievais. Nascendo das sombras, surge Henrique, o pai.

Henrique - Não tenhas medo, Afonso.

Afonso - Porque demoraste tanto?

Henrique - Nunca dependeu de mim. Estava na hora.

Afonso - Tenho medo do que pode acontecer amanhã, pai.

Henrique - Só os loucos é que não têm medo.

Afonso - Não consigo encontrar a paz. E não sei como fazer a guerra. Porque hei-de lutar pela liberdade dos outros se não posso ter a minha? A minha vida sempre foi o que os outros decidiram.

(olhando para as tendas de campanha, onde repousam mil e duzentos soldados)

Henrique – A tua vida é daqueles homens.

Afonso - Não sei se tenho forças para levar o te desejo até ao fim.

(Henrique aproxima-se mais do filho, mas não lhe toca)

Henrique - Ou tudo começa contigo, Afonso, ou tudo acaba para sempre.

(65) Na manhã seguinte, Afonso Henriques, 18 anos recém-completados, lidera doze centenas de fidalgos, infanções e vassalos portugalenses contra cinco mil cavaleiros e peões luso-galegos, em dia de S. João Batista que se faz noite nos campos de S. Mamede. Leva ao peito as cores do símbolo do futuro reino, a cruz azul sobre o pano branco que é a marca de Henrique, o azul da Verdade Divina. Chove, e transportando a bandeira com o mesmo símbolo do pai, está um rapaz da mesma idade do filho.

Anexo 15 – Guião Pedagógico “*Aqui nasce Portugal*” utilizado na Intervenção Educativa n.º 5

(70) No máximo clamor da batalha, enquanto Afonso mata Fernão Peres de Trava com a espada que um dia fora de Henrique, o miúdo porta-estandarte luta para manter a bandeira erguida. É atingido no braço que segura o símbolo, e passa a bandeira para a outra mão. Cortam-lhe também essa mão, e o rapaz, feito país, tenta suportar a bandeira com os dentes, como o mais bravo dos decepados. Mas está a desfalecer, à mercê do golpe final – quando Afonso acorre em seu auxílio, aniquilando o adversário que se prepara para o esquartejar. Vela um segundo pelo miúdo, pega na bandeira da cruz santa e, em raiva que não lhe conhecíamos, tenta terminar o percurso em direção ao monte onde se mantém, imperial, o símbolo escarlate do inimigo. Resiste ao ataque de um oponente, fere um segundo, liquida o último. Quase sem forças, rosto coberto de lama e sangue, chega ao topo do monte e, com a energia que lhe resta, corta cerce o símbolo do invasor, enterrando para sempre no solo molhado a bandeira da futura nação: «Aqui nasce Portugal!».

E nasceu.

TAREFA 7 – Analisa os documentos 14, 15 e 16.



Doc. 14.



Doc. 15.

7.1. Localiza no mapa no concelho de Guimarães (doc. 14).

7.2. O que estava “*em jogo*” na batalha de S. Mamede?

7.3. Por que razão se afirma que Portugal nasceu em Guimarães?

Bom trabalho!

Prof. Vítor Fontes

Texto adaptado da obra “*Heróis da História de Portugal como nunca foram contados*”,
de Pedro Marta Santos, Lisboa, 2011, pp.28-37.